



VOZ DA FÁTIMA

Director: Mons, Manuel Marques dos Santos — Proprietária e Editora: «Gráfica de Leiria»
Administrador: Cônego Carlos de Azevedo — Santuário da Fátima
Composto e impresso nas Oficinas da «Gráfica de Leiria» — Telefone 2336 — LEIRIA

ANO XXXIII—N.º 390
13 de MARÇO de 1955

Avença

Equação da vida NOVA LUZ SOBRE A RÚSSIA E FÁTIMA

Por Don John Mowatt, do Colégio Russo, Roma

Na peugada do Doutor de Hipona, teólogos e santos comprazem-se em desenvolver esta equação de vida: a humildade é a verdade. Evidentemente, com tal equação pretendem demonstrar, para quem de demonstração precise, que o homem se ilude ou mente, quando se faz centro de pretensas grandezas que não existem ou pertencem a Deus. Está claro que, além de ilusão funesta ou de mentira insensata, a egolátrica atribuição defrauda os direitos do Senhor, a quem são devidas, e só a Ele, toda a honra e toda a glória.

E, no entanto, nós todos incorreremos na mesma falta. O bazar do mundo fornece lições eloquentes! Há quem se deslumbe com a robustez física, às vezes mais aparente que real. Já os antigos celebravam com louvor os benefícios dum corpo são. Todavia, se não tivesse mais do que isso, o homem poderia reduzir-se a «bruto esplêndido» e, em tal categoria, há exemplares bem mais notáveis. Uns anos decorridos, — quando muito alguns anos — toda essa forte compleição será ruína lastimosa.

Sentem-se estonteados os mundanos com a graça vaporosa da beleza física, que talvez se requinte até aos extremos do ridículo. A Helena da história ou da lenda, que desencadeou guerra tormentosa, arrepiada perante os estragos fatais da idade, admirava-se de que os homens loucamente se matassem por um bem tão frágil e efêmero. Uma simples doença bastará para reduzir a deformidade repugnante a beleza que por algum tempo perturbou.

Passam cresos de olimpica soberba, inacessíveis e desdenhosos, pelas riquezas que possuem. Que estará no fundo de tais bens? Há tesouros amassados em lágrimas e em sangue, por desonras e vilanias. Podem apontar-se como títulos de nobreza? Na realidade são como espectros de misérias sem conto. Mas legítimas que sejam, valem principalmente por sua função social todas as riquezas do mundo. Em si não são um mal, longe disso, mas são-no pelos abusos que delas se faz. Por tais abusos é que o Senhor condenou os ricos da terra, e proclamou bemaventurados os que possuem espírito de pobreza. Tal espírito pode existir em detentores de fortunas poderosas e faltar a mendigos, que não têm onde cair mortos.

A impar de orgulho, certos senhores muito importantes, sem consciência das responsabilidades de pessoa, de família e de educação, arremessam à cara dos que passam, títulos variados. Tradições gloriosas impõem a nobreza de gloriosas virtudes. Um passado de glória de nada serve, a quem não sabe honrá-lo.

Também a vida apresenta exemplares curiosos de pessoas que só se vêem e revêem no seu «talento imenso» e que, por isso, nada mais podem ver para além deles. A sabedoria incarnou neles, e para além deles... o nada. Justas reflexões dos outros, lições da experiência alheia, até moções interiores que Deus misericordiosamente suscita, tudo se quebra no molhe intransponível da sua suficiência intelectual.

Até certas aparências de virtude podem ser muito simplesmente fantasias enganosas de quem vive muito contente com as suas perfeições, sem admitir contradições ou meras observações de qualquer espécie ou de quem quer que seja.

Cada um de nós pode surpreender manifestações de vaidade e de orgulho em passos incontáveis da vida — tudo, afinal, criações do egocentrismo, por conseguinte sem base.

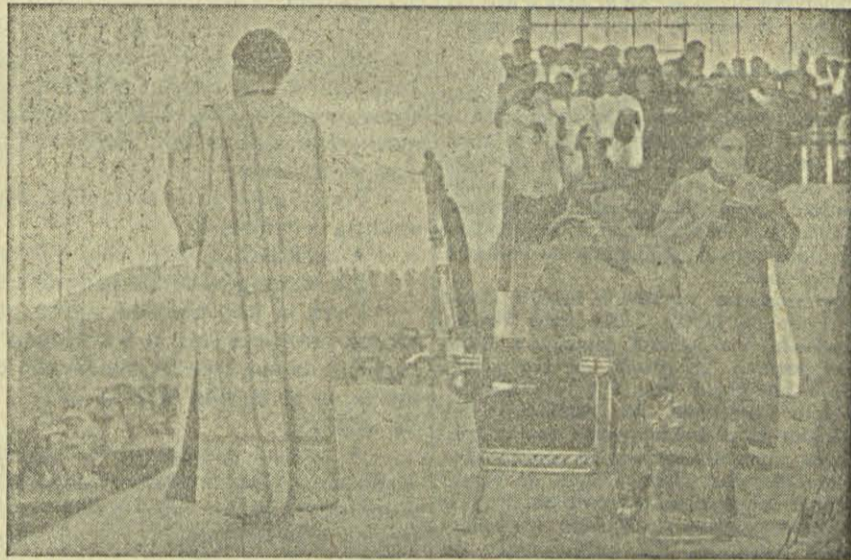
Quem podia apresentar-se como divino modelo de todas as perfeições, fez-se manso e humilde de coração, por palavras e por obras.

Soubéssemos nós copiar em nossa fragilidade, dentro das possibilidades limitadas da nossa natureza, a virtude da humildade que o Senhor veio ensinar ao mundo, e o mundo seria mais justo e mais feliz.

Ele, tão grande, apagou-se. Nós, tão apagados, desejamos parecer o que não somos. Poderemos iludir-nos — a nós e aos outros. A Deus é que não conseguimos iludir.

† MANUEL, Arcebispo de Mitilene

LA ROCHELLE (França) — Membros do Exército americano ofereceram uma bela imagem de Nossa Senhora da Fátima a uma velha igreja da praça de Verdun. Nas cerimónias da entrega e bênção da referida imagem, tomaram parte militares franceses e americanos. O capelão destes, P. Kenny E. Lynch, disse que a oferta daquela estátua de Nossa Senhora era uma prova tangível do espírito de fé de dois povos.



Um Bispo e Padres russos, celebrando um Pontifical, em rito bizantino, no Santuário da Fátima, em 12 de Outubro de 1951.

Desde os primeiros anos da conversão da Rússia à Fé cristã (988, governado o príncipe S. Vladimiro), sempre o seu povo conheceu a protecção e amor da Sma. Virgem Maria. Não será exagero afirmar que a Rússia era uma Nação Mariana. Os seus santuários, grandes e pequenos, famosos e nacionais, generosamente cobriam todo esse vasto país. Os mais célebres encontravam-se em Kiev, no Dnieper, em Kazan, no Volga, em Tiver, no coração da Rússia, em Vladimir, a antiga capital da Rus-Kiev, e em Moscovo, mesmo às portas do Kremlin. Era nesses Santuários que Nossa Senhora, como na Fátima, concedia os milagres que Lhe pediam os devotos necessitados.

Nunhum lar na Rússia, pobre ou rico, se considerava mobilado, enquanto não contivesse o seu sagrado ícone. Perante este, praticavam-se as devoções familiares, e com a santa imagem benzia o pai o soldado ou o estudante que deixava o lar. Ela estava presente quando nascia um filho e quando uma alma partia para a eternidade. Maria era a Hóspeda que partilhava todas as alegrias da casa e consolava todas as tristezas. Como o seu Coração Imaculado sentiu na sua vida terrena tanto a alegria como a tristeza, podia Ela facilmente compreender todos os sentimentos, todas as situações dos seus filhos russos.

Agora, oficialmente, Maria está banida da Rússia e os seus mais gloriosos Santuários arrasados pelas forças do ódio satânico. Mas Nossa Senhora não esquece nem abandona os seus russos. No mesmo dia em que os bolchevistas procuravam satisfazer o seu furor profanando uma igreja ortodoxa em Moscovo, Ela aparecia na Cova da Iria e pedia orações e penitência, prometendo depois, em troca, a conversão da Rússia e a sua salvação; pedia que o mundo e a Rússia em particular fossem consagrados ao seu Coração Imaculado, como era desejo de seu Divino Filho...

Será oportuno chamar a atenção para o facto de terem as aparições da Fátima um pronunciado gosto oriental — ou cor, se preferirdes. Por exemplo, na

primeira Aparição, 13 de Maio, Nossa Senhora veio num raio de luz ofuscante, e a luz é o símbolo do Oriente. A sua chegada ao local das aparições, e a partida, eram sempre do Oriente e para o Oriente. Tão notável era isto que em todas as aparições as crianças permaneciam voltadas para o Oriente, aguardando a chegada da «linda Senhora». No rito da Igreja Oriental, é de uso estar-se de pé voltado para o Oriente, enquanto se reza, e assim o altar, em todo o templo oriental, é situado do lado do nascente, visto que foi dali que veio o Sol da Verdade e da Justiça, Jesus Cristo.

O povo que se encontrava na Cova da Iria para a segunda aparição, viu uma nuvem levantar-se da árvorezinha onde poisava Nossa Senhora e seguir na direcção do Oriente.

Mais impressionante, porém, talvez tenha sido a terceira aparição do Anjo às crianças, no Cabeço. Foi durante esta aparição que o Anjo trouxe a Sagrada Eucaristia aos pastorinhos. Recordaremos aqui que a Lúcia, de dez anos de idade, tinha já feito a Primeira Comunhão. Jacinta, de sete, e Francisco, de nove, nenhum tinha ainda recebido o Sacramento da Eucaristia. O Anjo deu a Sagrada Hóstia à Lúcia, em primeiro lugar, mas à Jacinta e ao Francisco deu o Cálix contendo o Preciosíssimo Sangue. Ora no rito Bizantino-russo e entre vários outros povos que seguem o rito de Bizâncio, todas as crianças e adolescentes que ainda não fizeram a Primeira Comunhão comungam sob uma só espécie, isto é, o vinho consagrado, ou seja o Preciosíssimo Sangue.

Do rápido esboço dos factos acima, compreendemos quão estreitamente Fátima se relaciona com a Rússia e a ela se une e aos usos da Igreja Greco-Russa. Vemos porque Nossa Senhora especificadamente mencionou a Rússia nas suas aparições e porque Ela está tão empenhada na conversão da grande nação russa, cujo povo Lhe teve sempre especial e extraordinária devoção.

A Rússia teve um duro e solitário caminho a percorrer, quando se converteu

OS SERVOS DE DEUS

FÁTIMA EM SINGAPURA

JACINTA



Uma vez aí (junto do poço), a Jacinta escolhia os jogos em que nos íamos entreter. Os seus preferidos eram quase sempre... o jogo das pedrinhas ou do botão. Com este vi-me também não poucas vezes em grandes aflições, porque quando nos chamavam para comer, encontrava-me sem botões na roupa; por ordinário ela tinha-mos ganhado, e isto era o bastante para que minha mãe me ralhasse. Era preciso pregar-los à pressa. E como conseguir que ela mos desse? se além do defeitinho de amuar, tinha o de agarrada! Queria guardá-los para o jogo seguinte, para não ter que arrancar os dela. Só ameaçando-a de que não voltava mais a brincar com ela é que os conseguia.

Como minhas irmãs mais velhas eram uma tecedeira e a outra costureira, passavam os dias em casa. As vizinhas pediam a minha mãe para deixarem os seus filhinhos no pátio de meus pais, junto de mim, a brincar, sob a vigilância de minhas irmãs, enquanto elas iam para os campos trabalhar. Minha mãe dizia sempre que sim, embora custasse a minhas irmãs uma boa perca de tempo. Eu era então encarregada de entreter essas crianças e ter cuidado que não caíssem num poço que havia nesse pátio. Três grandes figueiras resguardavam dos ardores do sol a essas crianças; seus ramos serviam de balouço e uma velha eira servia de sala de jantar. Quando nesses dias a Jacinta vinha com seu irmãozinho a chamar-me para o nosso retiro, dizia-lhe que não podia ir, pois minha mãe me tinha mandado estar ali. Então os dois pequeninos resignavam-se com desgosto e tomavam parte na brincadeira.

FRANCISCO



Se alguma das outras crianças porfiava em tirar-lhe alguma coisa que lhe pertencesse, dizia: *Deixa lá, a mim que me importa?*

Recordo que um dia chegou a minha casa com um lenço de bolso, com Nossa Senhora da Nazaré pintada, que dessa praia acabavam de lhe trazer. Mostrou-mo com grande alegria, e toda aquela criançada o veio admirar. De mão em mão, a poucos instantes o lenço desapareceu. Procurou-se, mas não se encontrava; pouco depois, descobri-o no bolso dum outro pequeno. Quis-lho tirar, mas ele porfiava que era dele, que também lho tinham trazido da praia. Então o Francisco, para acabar com a contenda, aproximou-se, dizendo: *Deixa-o lá! A mim que me importa o lenço?*

Parece-me que, se houvesse crescido, o seu defeito principal seria o do «não-te-roles».

Quando, aos sete anos, comecei a pastorear o meu rebanho, ele pareceu ficar indiferente. Lá ia à noite esperar-me com a sua irmãzinha, mas parecia ir mais para lhe fazer a vontade que por amizade. Jam esperar-me no pátio de meus pais, e enquanto a Jacinta corria a meu encontro, logo que sentia os chocalhos do rebanho, ele esperava-me sentado nuns degraus de pedra que havia em frente da porta de casa; depois lá ia conosco para a velha eira a brincar, enquanto esperávamos que Nossa Senhora e os Anjos acendessem as suas candeias (*as estrelas*). Animava-se também a contá-las, mas nada o encantava tanto como o lindo nascer e por do sol.

Das «Memórias» da Irmã Lúcia

AGRADECEM GRAÇAS E ENVIAM ESMOLAS:

D. Isaura de Jesus Almeida, Porto, 50\$00; D. Maria de Jesus Andrade, Porto, 20\$00; Agostinho Ferreira Alves, Porto Amélia, 50\$00; Frank P. Motta, New-Bedford, Estados Unidos, 5 dólares; D. Maria das Neves Correia, Porto Santo, 30\$00; Francisco Tomás Barcelos, Vila Nova, 40\$00; D. M. F. Rodrigues, Madeira, 40\$00; D. Maria Costa, Providence, Estados Unidos, 25 dólares; D. Laurentina Feijó, ib., 2 dólares; D. Maria Carreira, ib., 2 dólares; D. Maria Almeida, ib., 1 dólar; D. Maria Rocha, Fresno, Califórnia, 10 dólares; D. Celeste dos Santos Queirós, Valença do Douro, 60\$00; João Clemente Faria, Madeira, 45\$00; D. Maria Rodrigues Farinha, ib., 135\$00; Júlio Pedro Coelho, ib., 190\$00; João Justino Peixoto, Alvarães, 100\$00; D. Gertrudes H. S., Torres Vedras, 20\$00; D. Margarida Jorge Fernandes, Madeira, 100\$00; D. Maria Vieira da Conceição, ib., 70\$00; D. Micaela Garcia Temuda, S. Miguel, Açores, 20\$00; José Macedo Tarracha, ib., 10\$00; D. Belarmina dos Anjos Medeiros, ib., 20\$00; D. Abília Belém, Portalegre, 500\$00; José de Almeida Grosso, Moçambique, 200\$00; Francisco José da Silva, Feteira, Terceira, Açores, 100\$00; D. Vitória Eugénia Sozinho, ib., 50\$00; D. Rosa Nunes, ib., 50\$00; D. Rita Toste da Silva, ib., 30\$00; João Machado Fontes, Fajã dos Vimes, S. Jorge, Açores, 20\$00; D. Bela de Castro Faria, Funchal, 100\$00; Joaquim Pereira Chorinho, Ribeirão Preto, 200\$00; D. Cândida Rodrigues Calvão, Bragado, 100\$00; D. Beatriz de Barros Lima, Funchal, 50\$00; D. Emília de Jesus, Codeços, Paços de Ferreira, 20\$00; D. Cândida Paiva, Queijada, Ponte do Lima, 20\$00; S. P. de Mirandela, 150\$00; D. Carmina Silveira Sousa, Porto Novo, 20\$00; P. Emílio Metzger, Campus, Illinois, 200\$00; D. Maria Pereira, Loulé, 10\$00; D. Virgínia Valadão Serpa, Flores, 20\$00; D. Maria Ursula Borges Martins, Vitória, Terceira, 10\$00; D. Paulina de S. José Fagundes, ib., 30\$00; Anónimos, 595\$00; Manuela Rodrigues Pereira, 60\$00; D. Maria Albertina Ribeiro de Sousa, S. Miguel das Aves, 20\$00; D. Maria Feliciano P. da Silva, V. de Figs, Barcelos, 100\$00; D. Maria Lúcia G. da Costa, Barqueiros, 50\$00; D. Lucinda dos Santos de Almeida, Porto, 20\$00; D. Maria de Jesus Ferrári, 1.000\$00; José dos Santos, Lourenço Marques, 20\$00; Vitor de Sousa, Vila do Porto, Santa Maria, 100\$00; D. Maria de Lurdes Alves Pinto, Porto, 20\$00; D. Lucinda de Jesus Mendes, Cinco Ribeiras, 40\$00; D. Rosa de Jesus Martins, ib., 20\$00; D. Maria Sousa, Lisboa, 20\$00; D. Maria B. Coelho, Aradas, 20\$00; D. Alexandrina Marques, S. Diego, Califórnia, 286\$00; D. Isabel Andrade Coelho, Amarante, 10\$00; D. Emília e D. Deolinda de Almeida, Porto, 20\$00; D. Maria José de Gouveia Trindade, S. Conçalo, Madeira, 50\$00; José Pinto Lopes, Armil, Fafe, 20\$00; D. Rita Barros Sousa, Santarém, 20\$00; D. Delfina do Carmo Martins, Terceira, Açores, 20\$00; D. Custódia Reis Teixeira, Vilarancelo, 20\$00; D. Beatriz Ilharco de Moura, Oleiros, 15\$00; D. Amélia

AS Aparições da Fátima

SEGUNDA APARIÇÃO DO ANJO

Passado bastante tempo, em um dia de verão, em que havíamos ido passar a sesta a casa, brincávamos em cima de um poço que tinham meus pais no quintal a que chamávamos o Arneiro... De repente vemos junto de nós a mesma figura ou anjo, como me parece que era, e diz:

— *Que fazeis? Oraí, oraí muito! Os Corações Santíssimos de Jesus e Maria têm sobre vós designios de misericórdia. Oferecei constantemente ao Altíssimo orações e sacrificios.*

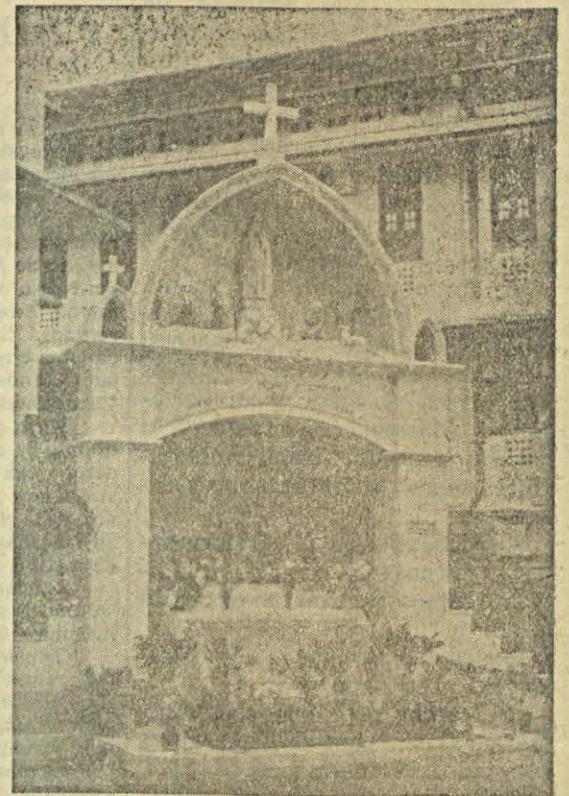
— *Como nos havemos de sacrificar? perguntei.*

— *De tudo que puderdes oferecei a Deus sacrificio, em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e (de) súplica pela conversão dos pecadores.*

Atraí assim sobre a vossa Pátria a Paz. Eu sou o Anjo da sua guarda, O ANJO DE PORTUGAL.

Sobretudo aceitai e suportai com submissão o sofrimento que o Senhor vos enviar.

Estas palavras do Anjo gravaram-se em nosso espírito, como uma luz que nos fazia compreender quem era Deus, como nos amava e queria ser amado, o valor do sacrificio e como ele Lhe era agradável, como por atenção a ele convertia os pecadores. Por isso, desde esse momento começámos a oferecer ao Senhor tudo que nos mortificava...



ORATÓRIO DE NOSSA SENHORA DA FÁTIMA na cerca da Igreja de S. José, da Missão Portuguesa de Singapura

A devoção a Nossa Senhora da Fátima, iniciada na Missão Portuguesa de Singapura em 1935, tem crescido em progressão geométrica. Daqui tem irradiado por toda a Malásia e por outras Missões do Oriente.

O ano passado inaugurou-se na igreja de S. José, desta Missão, um rico altar de mármore de Carrara, que custou 50 contos; sobre ele sorri uma linda estátua da Virgem Peregrina, de cedro do Brasil.

Este ano de 1954 inaugurámos na cerca da igreja um Oratório dedicado a Nossa Senhora da Fátima. Custou 120 contos, incluindo as estátuas de Nossa Senhora e dos três pastorinhos com duas ovelhas, de mármore de cores, executadas na Itália.

Circunda este Oratório um rosário de lâmpadas eléctricas, que dá um efeito encantador. É seguramente o mais lindo e artístico de todo o Oriente e duvido mesmo que em Portugal haja algo semelhante.

O Oratório fica a perpetuar o Ano Mariano, pois foi benzedo no dia 8 de Dezembro, festa da Imaculada Conceição.

Como preparação para a festa da inauguração do Oratório e conclusão do Ano Mariano, houve na igreja portuguesa de S. José uma Missão de dez dias, pregada pelos Revs. Padres Redentoristas, a mais concorrida e frutuosa de que há memória. Mais de 1.700 pessoas acorriam à igreja de manhã e de tarde para ouvir os sermões. A nossa igreja tem assentos para 1.500 pessoas; pois era tanta a concorrência dos fiéis, que foi necessário colocar na igreja mais 300 cadeiras.

As comunhões durante estes dez dias elevaram-se a 9.748, incluindo 1.232 no dia da festa da Imaculada, 8 de Dezembro.

A Missa solene foi celebrada de tarde, no novo Oratório, encontrando-se a cerca repleta de fiéis. Seguiu-se a bênção dos doentes, a procissão, o sermão dentro da igreja, a consagração da paróquia ao Imaculado Coração de Maria, a Bênção Papal e a Bênção do Santíssimo.

Os 120 contos que custou este artístico Oratório foram inteiramente subscritos pelos paroquianos da Missão Portuguesa, cuja devoção a Nossa Senhora da Fátima pode ser igualada, mas não será facilmente excedida. Basta dizer que o Registo da Confraria de Nossa Senhora do Rosário conta hoje 9.067 membros, a grande maioria dos quais rezam o terço diário em família.

A Missão Portuguesa edita uma revista mensal, chamada RALLY, que tem propagado desde o início a devoção a Nossa Senhora da Fátima com um ardor e entusiasmo dignos de todo o encómio.

Nos dias 13 de cada mês, as comunhões de manhã são aqui muito numerosas. De tarde sai a procissão, em que se incorpora sempre uma grande multidão de gente.

Missão Portuguesa de Singapura, 21 de Dezembro de 1954.

P.º MANUEL TEIXEIRA